

## Editorial

A conclusão de uma publicação vem sempre acompanhada da indagação sobre a possibilidade de se direcionar as leituras que poderão fazer os prováveis leitores dos artigos daquele número, do alcance público, contudo sabem os que não é possível se estabelecer uma relação tão direta sobre isso. Dessa forma, nos resta fazer sempre o convite a todos(as) para uma boa leitura, um fértil diálogo com os autores e suas questões, problematizações e respostas as suas investigações.

Há na verdade uma preocupação constante com o que estamos produzindo e para quem se destina o que escrevemos e nos indagar sobre isso reafirma o nosso compromisso social, político com a qualidade dos nossos textos e, sobretudo, com o que os nossos escritos podem provocar nas pessoas, nos leitores.

Em tempos de tantas incertezas, fluidez e fragmentações das ações, nos desafiamos permanentemente a não nos distanciarmos do significado do que produzimos, assim como, para quem e onde pretendemos chegar, apesar dos grandes apelos e determinações do mundo globalizado, enfrentamos, sem descuidar, das dimensões técnica, científica, cultural e ética que devem presidir a produção do conhecimento e a sua publicização, ao lançarmos um número da revista.

Nesta mesma via de compreensão nos lançamos e imprimimos ao trabalho desta produção, por vezes silencioso e demorado, que envolve desde a busca do autor pela revista para publicação de seu artigo e todo o processo daí decorrente, até chegar à finalização do número, rigor científico e ético, comprometimento com a democratização do conhecimento, transpassando todo esse percurso.

Os diversos espaços, tempos e problematizações que circundam os artigos deste número da Revista Educação e Emancipação, têm um lugar comum entre seus autores: a socialização de pesquisas, estudos. Percorrem a educação, a escola e suas práticas pedagógicas, programas de assistência social e sua articulação com a educação, memórias políticas, pessoais e profissionais do educador Paulo Freire, a formação e profissão docente, para a inclusão escolar, questões de gênero, envolvem ainda o currículo, o conhecimento como o objeto de aprendizagem,

constitutivo de toda formação humana, cuja apresentação, não se encontra necessariamente nesta ordem, porém são artigos povoados por uma intencionalidade clara e de maneira instigante, polêmica, não apenas enunciativa.

Por fim, fazemos um chamamento para se continuar escrevendo, explorando e dialogando com a realidade, bem como compartilhando a compreensão sobre os achados nas pesquisas, e desse modo nos sentirmos “criaturas vivas”, como assim utilizou Gramsci.

“Daí à vida toda vossa atividade, toda a vossa fé, todo o abandono sincero e desinteressado de vossas melhores energias. Mergulhai, ainda, criaturas vivas, no vivo e palpitante futuro, até vos sentirdes um bloco com ele, até o receber todo em vós mesmos e sentir a vossa personalidade um átomo de um corpo, vibrante partícula de um todo, corda sonora que recebe e transmite todas as sinfonias da história que vos sentis de contribuir e criar, pois, se alguma coisa é ainda inexplicável, Isto é somente devido ao nosso incompleto conhecimento, à ainda não alcançada perfeição intelectual e moral.”( Gramsci)

*Lélia Cristina Silveira de Moraes*  
*Editora*